

UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LAURA LOPES TAKEDA

UMA LEITURA LITERÁRIO-FILOSÓFICA DE “FAMIGERADO” E “A
BENFAZEJA”, DE GUIMARÃES ROSA.



ARARAQUARA – S.P.
2022

LAURA LOPES TAKEDA

UMA LEITURA LITERÁRIO-FILOSÓFICA DE “FAMIGERADO” E “A
BENFAZEJA”, DE GUIMARÃES ROSA.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Alcides Cardoso dos Santos

ARARAQUARA – S.P.
2022

T1361 Takeda, Laura Lopes
Uma leitura literário-filosófica de "A benfazeja" e "Famigerado", de
Guimarães Rosa / Laura Lopes Takeda. -- Araraquara, 2022
41 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Alcides Cardoso dos Santos

1. Literatura. 2. Filosofia. 3. Literatura Brasileira. 4. Filosofia e
Literatura. 5. Metafísica na Literatura. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LAURA LOPES TAKEDA

UMA LEITURA LITERÁRIO-FILOSÓFICA DE “FAMIGERADO” E “A
BENFAZEJA”, DE GUIMARÃES ROSA.

Relatório final de Monografia II, apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Alcides Cardoso dos Santos.

Data da defesa/entrega: 02/03/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Cesar Andrade da Silva Paulo.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Membro Titular: Prof. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho de todo meu coração à minha mãe, que foi e sempre será minha maior
inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo sustento e por me possibilitar viver essa jornada acadêmica.

Agradeço à minha mãe por se fazer presente em todos os momentos da minha vida e ainda que apenas espiritualmente, tenha vivido essa jornada comigo. Sinto sua falta todos os dias, mas meu coração é repleto de gratidão e de orgulho por poder dedicar isso tudo à você.

Agradeço à minha família, especialmente meus avós, meus tios e minha bisavó, que embarcaram nessa aventura comigo, vivendo fisicamente e psicologicamente todas as loucuras, as alegrias e também as dificuldades desta jornada. Sem o apoio, os esforços, o carinho e a compreensão de cada um, não teria sido possível. Também dedico essa conquista à vocês e agradeço muito, de todo meu coração.

Agradeço ao meu orientador, Alcides Cardoso dos Santos, por me ensinar tanto e ver potencial nos meus estudos e na minha dedicação, mesmo quando eu mesma não achava que tinha ou poderia. Sem dúvidas, esse trabalho não teria sido possível se não fosse por sua orientação, por sua paciência, pelo respeito e dedicação com seu trabalho. Serei eternamente grata e feliz por todos os ensinamentos.

Agradeço às minhas melhores amigas da vida, as grandes amigas da faculdade e à minha querida prima Mayara, por vibrarem comigo a cada conquista e por trazerem conforto e palavras sábias em todos os momentos em que precisei.

Agradeço também ao Miguel, que acompanhou de perto essa jornada, sempre me apoiando, me incentivando, me fazendo ver cores e potencial quando tudo parecia perdido. Muito obrigada por tudo.

Agradeço imensamente a cada professor que passou pela minha vida acadêmica, seja na universidade, no ensino básico, no PIBID e em meus estágios. Tudo o que sei, o que sou e todo o conhecimento que adquiri nessa vida devo a um professor. Sem dúvidas, carrego um pouco de todos os professores que passaram por minha trajetória e pela vida de cada um deles, sou eternamente grata.

Por fim, agradeço a UNESP por me acolher e me proporcionar uma formação um tanto quanto humana, crítica e responsável. Levarei eternamente a gratidão e o orgulho por ter feito parte da comunidade unespiana, por ter me desenvolvido e aprendido tanto. Também agradeço a escola E.E. Prof. Aggeo Pereira do Amaral, pois sem eles - sua qualidade, seu empenho e seu ensino crítico - não teria sido possível sonhar e muito menos alcançar o sonho de ingressar em uma universidade pública.

Agradeço à Educação, num contexto geral, por ter mudado minha vida, ter me possibilitado enfrentar e trilhar cada caminho, além de constantemente me proporcionar novos para serem trilhados, ainda mais desafiadores e especiais.

“A vida era o vento querendo apagar uma lamparina. O caminhar das
sombras de uma pessoa imóvel...”

João Guimarães Rosa (2019, p. 56).

RESUMO

Com o objetivo de investigar como se dão as relações entre Literatura e Filosofia, duas áreas que se contrapõem na forma mas se assemelham à medida que sistematizam reflexões quanto ao sentido da vida, da ordem do mundo material e dos mistérios envolvendo os seres, nosso trabalho pretende discutir como esses conceitos propriamente filosóficos aparecem de maneira prática e imaginativa em obras literárias. Essa discussão, a partir de um trabalho de leitura interdisciplinar e temática, viabiliza o cotejo de diferentes leituras e interpretações de uma obra literária. Assim, nosso objeto de estudo foram os escritos de João Guimarães Rosa, mais especificamente seus contos “Famigerado” e “A Benfazeja” de *Primeiras Estórias*, pelo fato de sua fortuna crítica contemplar poucos trabalhos realizados segundo essa linha de pesquisa e por apresentarem, em sua estrutura narrativa, temáticas similares aquelas sistematizadas pela Filosofia, especialmente reflexões quanto à linguagem, ao amor, morte, viagem e destino. Esse trabalho e essa leitura, tendo como aporte teórico os ensaios críticos de Benedito Nunes (2013) e Rohden e Pires (2009), nos possibilitaram demonstrar como esses temas dialogam de forma interseccional com ambas áreas do conhecimento, como oferecem novos contornos e possibilidades de interpretação frente ao existir e às escolhas de cada personagem no espaço do sertão e, ainda, demonstrar como a própria literatura rosiana traz à luz o diálogo dessas duas áreas do saber, apesar de ser uma linha de pesquisa e uma leitura ainda pouco explorada por sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Literatura Brasileira; João Guimarães Rosa; Metafísica.

ABSTRACT

This research has the objective of investigating how the relations between Literature and Philosophy develop, understanding how these two areas are opposed in purposes but similar as they both systematize reflections on the meaning of life, the order of the material world and the mysteries involving human beings. Our work intends to discuss how these properly philosophical concepts appear in a practical and imaginative structure within literary works, also discussing how they can be interpreted in an interdisciplinary analysis, in order to compare these themes in different readings and interpretations regarding the literary work. Thus, our object of study was the short stories written by João Guimarães Rosa, "Famigerado" and "A Benfazeja " from his book *Primeiras Estórias*. The choice of studying these two short stories was made due to the fact that his literary fortune contemplates few works written according to this line of research and also for their highlighting, in its narrative structure, themes similar to those systematized by Philosophy, especially reflections concerning language, love, death, travel and destiny. This work and this analysis, having as theoretical support the critical essays of Benedito Nunes (2013) and Rohden and Pires (2009), allowed us to demonstrate how these themes dialogue in an interchange of both scientific areas, Literature and Philosophy, offering new lineament and possibilities of interpretation for its stories, in face of the choices and the existence of each character and, in addition, demonstrate how Rosa's literature itself dialogues with these two scientific areas, still barely explored by its literary fortune.

KEYWORDS: Literature; Philosophy; Brazilian Literature; João Guimarães Rosa; Metaphysics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01: “FAMIGERADO”	17
CAPÍTULO 02: “A BENFAZEJA”	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

O presente relatório é destinado à conclusão da disciplina de Monografia II e compreende dois anos de pesquisa científica, cujo objetivo central era investigar as relações existentes entre Literatura e Filosofia, a partir de leituras filosóficas de obras literárias e de estudos sobre a intersecção entre essas duas áreas do saber.

O interesse pela realização de tais leituras filosóficas surgiu, inicialmente, pela percepção de temas e conceitos comuns entre as áreas do conhecimento, uma vez que as obras literárias expressam intrinsecamente em suas narrativas reflexões quanto ao sentido da vida, do mundo material e de ordem psicológica, elencadas por Jayme Paviani (2009) como questões propriamente pertinentes e sistematizadas à nível lógico e argumentativo dentro da filosofia e suas obras filosóficas.

Essa colocação de Paviani (2009) reafirma que há uma similitude entre os temas, passíveis de serem ao mesmo tempo filosóficos e literários, diferenciados apenas pelas formas, intensidade e propósitos linguísticos dentro dessas áreas, dado o fato de o pensamento filosófico ocupar-se de demonstrá-los objetivando conclusões, enquanto o literário se ocupa de narrá-los, objetivando reflexões e sugestões.

A clareza dessas proximidades e diferenciações foram essenciais para perceber que essa linha de pesquisa possibilita a sistematização de fundamentações teóricas e perspectivas interpretativas capazes de oferecer diferentes vertentes de leituras para uma mesma obra literária, sendo este um dos nossos objetivos com esta pesquisa.

Ainda que seja uma linha de pesquisa pouco explorada dentro dos estudos literários, esses objetivos nos proporcionaram um olhar diferenciado sobre a literatura, além de possibilitar o cotejo com diferentes perspectivas de análise do objeto literário.

Esses aspectos da análise filosófica da literatura, que serão elencados brevemente no decorrer desta introdução e do trabalho propriamente dito, nos levaram ao estudo dos principais autores e escolas do pensamento filosófico ocidental, nos habilitando, portanto, à leitura da obra de João Guimarães Rosa, a ser desenvolvida como nosso objeto de estudo. Tal escolha se deu, primeiramente, pelo fato de sua literatura trazer diversos questionamentos sobre o sujeito, o mundo, a realidade e a linguagem e, segundo, pela pequena quantidade de trabalhos que propõem uma leitura filosófica de suas obras literárias.

Definido nosso autor central, iniciamos nossas leituras pela sua fortuna crítica, para entender de forma abrangente a literatura do autor, com foco nos críticos mais importantes de sua fortuna crítica. De início, nos baseamos principalmente na obra de Alfredo Bosi, em seu

livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, e Antônio Candido, no capítulo “Literatura e Subdesenvolvimento”, em seu livro *A educação pela noite e outros ensaios*.

Essas leituras nos permitiram contextualizar o autor e sua obra, mineiro de nascença e grande estudioso de línguas, se destacou no meio literário em meados da década de 50, com a publicação de seu romance mais importante, *Grande Sertão: Veredas*. A partir de então, tornou-se reconhecido principalmente por seu trabalho árduo com a (e através da) palavra, fator destacado como responsável por reinventar os romances regionalistas, em sua grande maioria engendrados nas contradições da sociedade burguesa (BOSI, 2021).

Pensamos, com base nos dizeres de Antônio Candido (1989), que não cabe desvincular a obra rosiana de sua matriz regional e sim entendê-la como uma vertente do regional, pois a formação de suas estórias se dá através do sertão. Estórias essas, consideradas por Rosa como mais dignas da própria história, como o próprio autor escreve em seu prefácio à *Tutaméia*, “Aletria e Hermenêutica”, “a estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História” (ROSA, 2009, p. 24)

O que difere sua obra dos demais regionalistas, de acordo com os apontamentos de Bosi (2021) é a forma, a intensidade e os propósitos que este sertão ocupa dentro das narrativas, não como um mero pressuposto para observações realistas, naturalistas e científicas de ordem social ou psicológica, e, sim, para atuar como um objeto desvelador de questões místicas, metafísicas, de existência, do ser e, principalmente, da linguagem.

Assim, o sertão é inicialmente o fio condutor de suas estórias e de seus personagens, sendo ao mesmo tempo o mundo e a matéria que lhes dá vida, porém, não deve ser entendido apenas como um elemento central de dimensões geográficas ou espaciais, mas também como o elemento a ser compreendido em toda sua simbologia, em toda sua “pluralidade semântica, podendo ser interpretado ora como realidade social, geográfica, política, psicológica, ontológica...” (MAIA, 2007, p. 01).

Como nos mostra Santos (2012), a complexidade do sertão, para além das pluralidades, também está na linguagem literária adotada pelo autor, sendo inclusive uma das temáticas mais discutidas em sua fortuna crítica. Dado esse fato, muitos são os vieses possíveis para tais ocorrências e grande parte das abordagens são pensadas a partir da teoria literária ou mesmo linguísticas pois, como Bosi (2021) exemplifica, há quem enfoque os processos fonéticos, as recriações morfológicas, reinvenções semânticas e até a musicalidade por trás dos dizeres sertanejos. Não é o nosso propósito analisar essas diferenciações, mas sim demonstrar que há um ponto comum entre todas essas chaves interpretativas: a linguagem não é um sistema fechado ou imutável, pelo contrário, ela, em Guimarães Rosa, atua como uma

forma de experiência do mundo na qual o real, a imaginação e a existência se misturam, fazendo da própria língua:

uma abertura ao experienciável do real. O cunho narrativo de Rosa apresenta como ponto culminante a experienciação da linguagem como unidade criadora de/por excelência. A língua se torna uma fonte da linguagem da experienciação existencial e literária [...]. A língua é nascitividade de linguagem, da experienciação, do ser. (SANTOS, 2012, p. 10).

Essa particularidade da linguagem é o que torna as narrativas de Rosa uma experiência da e com a linguagem, pois dela se cria o sertão, a ele dando vida não somente como um espaço, mas como a própria experiência do real. Da mesma forma, a linguagem rosiana só existe a partir do sertão, da sua particularidade sertaneja, daquilo que está dentro do ser, do seu viver, do seu pensar, impossíveis de serem feitos alheios à linguagem. Como pontua Pinheiro (2013, p.13) para sintetizar, com um traço heideggeriano, “a obra literária revela o ser pela linguagem que o anima”, do mesmo modo que o ser é linguagem.

A concepção de Santos (2012) sobre o sertão rosiano vai muito ao encontro das leituras filosóficas de Benedito Nunes, entendedor da linguagem como a originadora dos seres e das tramas rosianas. Hansen, em seu prefácio “Benedito Nunes leitor de Guimarães Rosa”, demonstra que Rosa não segue a concepção saussuriana da linguagem, pensando a língua com sua forma e conteúdo reinventados constantemente, organizada e pensada como respostas a indagações do ser, de modo que “a língua é falada pelos seus personagens [...] como se os personagens fossem falados por ela, que irrompe neles, não racionalmente, mas intuídos como força superior” (HANSEN, 2013, p. 30).

Com a citação do prefácio de Hansen e de Pinheiro, incluídos no livro *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*, entramos, de fato, na bibliografia voltada estritamente às leituras filosóficas do autor mineiro. Este livro, composto por uma coletânea de textos teóricos escritos por Benedito Nunes e organizadas por Victor Salles Ribeiro, em conjunto com o livro *Literatura e filosofia: Uma relação Transacional*, organizado por Luiz Rohden e Cecília Pires, compõem as principais fontes para o arcabouço teórico desta pesquisa, com a justificativa de que ambas as obras se dedicam integralmente à análise de conceitos e temáticas filosóficas dentro da literatura, com destaque à ficção rosiana.

O livro de Benedito Nunes, por ser uma coleção, concentra em uma obra só os seus ensaios críticos e suas leituras da obra rosiana, de grande influência na crítica literária devido a originalidade do seu enfoque, principalmente por trazer à luz a densidade filosófica da obra de Guimarães Rosa. Sua originalidade enquanto crítico literário está na forma não hierarquizada de compreender tanto a literatura quanto a filosofia, buscando, frente às

especificidades de cada uma, a melhor maneira para relacionar e dialogar com suas instâncias questionadoras, teóricas e simbólicas do pensamento.

Tendo as leituras desenvolvidas pelo crítico como embasamento e a literatura enfocada pela filosofia como nosso objeto de estudo, nossa pesquisa será metodologicamente realizada a partir, inicialmente, da compreensão da obra literária - seus aspectos literários, discursivos, encadeamento lógico e estruturas narrativas – enquanto que para a filosofia, caberá “colocar o objeto sob a multiplicidade de nexos que os sustentam, de maneira interdisciplinar” (NUNES, 2013, p. 146), isto é, sistematizar por meio de conceitos os questionamentos expressos no texto literário, oferecendo-lhe possibilidades de leitura e enfatizando os diálogos entre ambas áreas do saber.

Nossa proposta, portanto, é demonstrar, a partir do enfoque filosófico da Literatura, como a imaginação literária e os conceitos filosóficos se relacionam privilegiando uma leitura literário-filosófica da obra rosiana. No entanto, haja vista a extensa produção literária do autor, concentramos nossas leituras em apenas dois de seus contos: “Famigerado” e “A Benfazeja”, do livro *Primeiras Estórias*, tendo a complexidade dos questionamentos presentes nesses dois contos em termos de composição do sujeito, mundo e linguagem e também o fato de existirem em nossas principais fontes de pesquisa, em especial o organizado por Rohden e Pires, textos teóricos tratantes desses contos, como componentes da nossa principal justificativa.

Semelhante ao livro de Benedito Nunes, o propósito do livro organizado por Rohden e Pires foi condensar trabalhos expostos no Colóquio de Filosofia da Unisinos no ano de 2003, tendo como fio condutor as aproximações dos dois saberes. Esse dossiê de ensaios, cada qual com sua particularidade, foram pensados para oferecer novas possibilidades de leituras literárias, a partir de diferentes aportes da filosofia. É válido mencionar que esse livro traz uma parte integralmente dedicada à literatura de Rosa, composto de vários artigos privilegiando essa abordagem literário-filosófica da obra rosiana.

O livro, de maneira bastante similar ao organizado por Pinheiro (2013), vê na literatura rosiana uma aproximação da prosa com a linguagem poética e, principalmente, com a filosofia, por seu caráter criador e desvelador de um mundo não determinista, um mundo movente, movido pela travessia de seus personagens até o cerne do seu ser. É esta travessia, especialmente experienciada pelos personagens nos contos “Famigerado” e “A Benfazeja”, que os autores buscam interpretar à luz da linguagem narrativa característica do sertanejo, que:

põe em xeque certezas comodamente aceitas por todos, desconstrói visões de mundo estereotipadas, questiona comportamentos estandardizados. Volta a um estado original de indiferenciação. E deixa ressurgir o novo, diferente, vivo, dinâmico, flexível surpreendente”. (KUNZ, 2009, p. 133).

O fato de os contos “Famigerado e “A Benfazeja”, respectivamente o segundo e o décimo sétimo da coletânea de *Primeiras Estórias*, serem os mais citados no livro de Rohden e Pires, além de já terem sido razoavelmente estudados pela crítica literária, nos levaram a escolhê-los como nossos objetos específicos de análise, sob os quais iremos demonstrar, a partir da crítica literária, como se constroem e, filosoficamente, à luz de Benedito Nunes, quais são os filosofemas e os conceitos mais pertinentes a sua análise, numa relação interdisciplinar.

Buscamos elucidar as concepções teóricas que fundamentarão este trabalho, além de esclarecer a nossa escolha do objeto de estudo, deixando claro o nosso objetivo de contribuir com a fortuna crítica rosiana, trazendo à luz os diálogos entre literatura e filosofia, área de estudo ainda pouco sistematizada dentro dos estudos literários.

A estrutura deste trabalho segue, em um segundo momento, com as leituras literário-filosóficas dos contos “Famigerado” e “A Benfazeja”, demonstrando, na prática, quais e como os temas filosóficos estão presentes na estrutura das narrativas e como eles aparecem na linguagem literária. Ao final, pretendemos apontar como as relações entre Literatura e Filosofia nos ajudam a entender melhor o objeto literário e demonstrar como esse estudo dialógico corrobora para uma melhor compreensão das diferentes camadas de uma mesma obra literária.

CAPÍTULO 01: “FAMIGERADO”

O enredo do conto “Famigerado” se inicia em meio às casualidades no sertão Minas-Bahia, quando um doutor recebe a visita de Damázio, um líder jagunço originário das Serras, acompanhado de seu alazão e outras três testemunhas. O sertanejo, reconhecido de imediato dada a sua fama de violento malfeitor, viajou ao encontro do médico com o intuito único e inesperado de obter “uma opinião sua explicada” (ROSA, 2019, p. 20) a respeito do significado da palavra “Famigerado”, atribuída a ele por um rapaz do governo. Em um misto de desconfiança e terror, o personagem doutor faz uma leitura bastante precisa da palavra e da cena, compreendendo as necessidades existenciais do jagunço e tomando uma decisão linguística responsável por mudar os rumos da estória e da própria trajetória dos personagens.

Este conto, assim como os outros que em conjunto formam o livro *Primeiras Estórias*, têm seu encadeamento narrativo, isto é, a articulação dos elementos espaciais, temporais e narrativos (GOTLIB, 1988), estruturados frente a uma experiência do real, com a intenção de expor as mais diversas experiências humanas frente a um espaço ilimitado, onde cada personagem pode existir ao seu modo particular, desvendando o mistério de cada particularidade do real e da imaginação. Essa estrutura, como apontam Almeida e Andrade (2020), possibilita que a literatura de Guimarães Rosa ressignifique certas situações corriqueiras e cotidianas, ou mesmo objetos e fenômenos do real, fornecendo um novo olhar para observá-los, para refletir sobre a própria realidade e sobre a linguagem como determinante para a trajetória dos personagens, aspecto principal nesse conto em questão.

É por meio do personagem doutor, um típico narrador-personagem, que a autodiegese da narração se constrói no conto, segundo os apontamentos de Reis e Lopes (1988), dada a utilização do campo de consciência do protagonista e a construção de uma focalização interna fixa, pois é somente através da figura do narrador que tomamos o conhecimento da situação, do espaço e das demais personagens.

Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela. Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. (ROSA, 2019, p. 19).

Como se pode conferir pelo trecho, a narração do personagem é construída em tempo presente, real, simultâneo aos acontecimentos no enredo da estória, fator responsável por enfatizar a utilização da focalização interna à medida que o narrador nos coloca a par de suas observações e seus sentimentos frente a cada acontecimento, a cada movimento, fala, expressão corporal assumida pelos outros personagens, dispostos em frente à sua porta.

É através das suas atentas observações que a cena se revela, a estória se delinea e os personagens, inclusive o próprio narrador, são formulados. De início, frente a presença do jagunço, o narrador observa atentamente a disposição do espaço. Os outros três cavaleiros, não mais lhe pareciam seus capangas, mas testemunhas coagidas, aparentemente amedrontadas, “semelhavam gente receosa, tropa desbaratada [...] coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encontravam.” (ROSA, 2019, p. 19).

O espaço detalhado por Doutor demonstra como até a topografia do sertão estava alinhada sob o poder de Damázio, a começar pela casa, espaço onde a estória se passa, resguardada por cercas de ambos os lados da rua, impossibilitando qualquer fuga rápida; a disposição dos homens, em um ponto de visão estratégico para o jagunço e ao lado dos cavalos, também impossibilitaria qualquer estratégia silenciosa, pois haveria relinchos a qualquer sinal de movimento. A consciência desta demarcação causou no personagem ainda mais medo e a certeza de que da mesma forma que os outros cavaleiros, não lhe restaria nada além de convidá-lo para entrar e entender os motivos que o levaram a viajar de tão longe até o seu encontro.

Damázio dos Siqueiras, vindo da Serra, portava um chapéu, ínvios olhos, uma arma de fogo no cinturão, uma fala típica de sertanejo vindo de longe, além de uma pose de jagunço valente e a fama de ser o responsável por inúmeras mortes (ROSA, 2019). Todavia, para além da sua aparência exterior, o personagem carregava consigo uma dúvida existencial, sendo esta o significado da palavra “Famigerado”. Segundo ele, o termo lhe foi atribuído por um rapaz do governo e apesar de não querer problemas com esta instituição, muito menos com paciência para tal situação, viajou longas léguas para sanar suas dúvidas e descobrir o verdadeiro significado desta palavra, pois ninguém de sua cidade aparentemente conseguiria lhe responder.

Diante do fato, o narrador se espanta. Sabia que o termo tinha uma conotação pejorativa, de má fama e sabia que teria sido empregada dessa forma, mas, diante da cena construída, das testemunhas coagidas e do próprio jagunço, percebeu não ter qualquer chance diante de sua força bruta, optando por pensar e observar. Percebeu, então, que se diferenciava do outro por ter acesso ao conhecimento formal, à linguagem e a possibilidade de utilizá-la a seu favor. E assim, fez: deu-lhe primeiro uma explicação geral, com palavras difíceis em uma tentativa de não ser comprometedor e obter certa vantagem, mas Damázio, persistente em uma resposta condizente com sua condição enquanto sujeito iletrado, continuou questionando.

-Famigerado é inóxico, é célebre, notório, notável...

- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entendimento. Mas me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?
- Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...
- Pois e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de dia de semana?
- Famigerado? Bem, é importante, que merece louvor, respeito... (ROSA, 2019, p. 22).

Assim, é pelo poder da palavra e pela sua formação intelectual, em conjunto com sua leitura precisa dos acontecimentos da estória, que o narrador consegue afastar o perigo iminente que traria para si, para o moço do governo e para as três testemunhas. Como complementa Falcão (2005), o doutor, ao lembrar-se da significação original do termo, ainda que menos usual que o tom pejorativo no senso comum, faz uma escolha benéfica para todos os personagens envolvidos e, principalmente, retoma uma das características mais marcantes da literatura de Guimarães Rosa: a necessidade de se voltar para o sentido original das palavras, resgatando suas origens e suas possibilidades.

Sanadas as dúvidas, o conto se encerra com a despedida entre os personagens, a soltura de suas testemunhas e a significativa fala de Damázio: “A gente tem cada cisma de dúvida boba, de desconfianças...” (ROSA, 2019, p. 22). Essas desconfianças, que tecem e movimentam toda a estória dos personagens, é uma clara demonstração do aspecto central proposto por Guedes (2013), de que a produção literária de Guimarães Rosa busca expressar as temáticas referentes à existência do homem e como estas, pelo seu caráter existencial e reflexivo, vão ao encontro de conceitos e os filosofemas pertinentes da Filosofia.

Das aproximações entre Literatura e Filosofia possíveis a partir da nossa leitura de “Famigerado”, Rohden (2009) evidencia a existência de uma metafísica na literatura rosiana. Essa metafísica, distante das tradições lógico-racionalistas que buscam verdades ou certezas absolutas, se constrói a partir do sujeito e de suas inúmeras possibilidades frente ao existir.

Ao tratar essas possibilidades em sua literatura, Guimarães Rosa volta-se inteiramente ao sujeito, em sua participação ativa e não neutra no real, suas dicotomias, as dualidades entre bem e mal, verdadeiro e falso, as incertezas e as possibilidades frente ao fato de estar no mundo. Esse voltar-se ao sujeito feito por um trabalho minucioso com a linguagem, fator distintivo entre os homens e animais, é o que torna possível produzir inquietações metafísicas, reflexões quanto a si e ao mundo, pela sua possibilidade de “velar e revelar o ser” (ROHDEN, 2009, p.154). Como sintetiza Guedes (2013, p. 143):

[...] é a metafísica presente em sua obra que evidencia a intrínseca riqueza da linguagem, como também ressalta o caráter universal das questões morais, principalmente na execução narrativa da temática, que aflige os segredos submersos e trazem à tona os mistérios da vida.

Essa metafísica rosiana é classificada pelo próprio autor como uma metafísica movente, pois lhe interessa, com a escrita de suas obras, “[...] tentar rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é chamada ‘realidade’, que é a gente mesmo, o mundo, a vida.” (ROSA, 2003, p. 238 APUD Rohden, 2009, p. 155), ou seja, lhe interessa retratar o real, em suas múltiplas leituras e em suas múltiplas possibilidades diante do relacionamento entre ser e linguagem. Como complementa em seu prefácio “Aletria e Hermenêutica”, seu interesse é demonstrar o quanto “[...] a vida é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só lê por linhas tortas” (ROSA, 2009, p. 24)

Na prática, focalizando o conto em questão, a metafísica movente acontece através da conversa entre os personagens Damázio e Doutor sobre o significado do termo famigerado, um pelo questionamento existencial e semântico frente a linguagem e o outro a partir de uma leitura hermenêutica frente às necessidades existenciais do outro.

Em nossa leitura literário-filosófica, o medo é o primeiro aspecto por meio do qual podemos aproximar essas duas áreas do saber, por ser a primeira vereda a ser enfrentada pelos personagens. Isso acontece pois o medo, um sentimento vivido em sua pura emoção (ABBAGNANO, 2007), reflete os desconfortos existenciais de se buscar a si mesmo e oferece duas possibilidades ao sujeito: buscar ou não uma resposta.

No conto, podemos analisar esse sentimento como dominante em Damázio, pois desde o termo lhe ter sido atribuído, a dúvida continuar pairando em sua mente. O personagem alega ter pensado em inúmeras pessoas que lhe poderiam oferecer uma resposta, mas é só no Doutor, dada a sua posição de homem letrado e detentor de conhecimento, que encontra confiança o suficiente para perguntar. Esse sentimento, portanto, velado em inseguranças, faz crescer a necessidade no personagem de buscar o significado e conseqüentemente, ser o ponto de partida para seu deslocamento da Serra para o Arraial, onde mora o médico.

É através da leitura literário-filosófica e do entendimento da metafísica movente rosiana que o propósito de querer saber manifestado pela pergunta do jagunço toma contornos filosóficos, transformando-se de uma simples pergunta a uma dúvida existencial. Uma pergunta que reflete o desejo de se conhecer, conseqüentemente, resgatando a tradição filosófica de buscar entender o ser (ROHDEN, 2009).

Esse movimento de deslocamento feito por Damázio retoma outro tema literário-filosófico, desta vez tratado por Benedito Nunes (2013), que é a viagem. Para o crítico e filósofo, o ato de viajar na literatura rosiana se confunde com o existir, pois representa o impulso, a travessia, o percorrer dos caminhos para a descoberta do mundo e

consequentemente de si mesmo, visando sempre a solução de um conflito moral e espiritual. Assim, viajar e existir são uma consequência do viver, pois o ser, produto da linguagem e da matéria movente, se faz de movimentos, de encontros e desencontros, idas e vindas, onde cada escolha, cada caminho e cada movimento, forma, deforma, renova e transforma o existir e o viver de cada personagem.

À luz desse conceito, as viagens vivenciadas pelos personagens podem variar, mas, no caso de Damázio, sua viagem é caracteristicamente agônica, isto é, motivada pela dúvida, por seu conflito existencial e a sede de saná-lo a partir das explicações de algum conhecedor das letras, o que o levou ao encontro de Doutor, despindo-se por completo do medo e tendo a coragem de questionar, para descobrir quem verdadeiramente era: - "vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é famisgerado...faz-me-gerado...falmisgerado...familhas-gerado...?" (ROSA, 2019, p. 21).

Diante da presença do famoso jagunço, o Doutor também sentiu medo, porém um sentimento diferente de Damázio, pois a sua dúvida se referia diretamente ao outro, suas necessidades e suas implicações, levando-o a hesitar sobre qual seria a resposta mais adequada para situação existencial do outro. A tensão é criada a partir da responsabilidade de, frente ao duplo de significados do termo famigerado, sua significação original positiva e na linguagem informal sua conotação negativa, mudar o rumo de todos os personagens e até mesmo marcar o fim de sua própria vida.

Da mesma forma que o jagunço, o narrador teve que enfrentar o sentimento de terror, arriscando, inicialmente, o uso de palavras mais neutras, difíceis para fugir do entendimento do outro e consequentemente não se comprometer. Mas, irredutível, Damázio não aceitou e tratou de exigir respostas claras, em uma linguagem acessível à sua condição de iletrado. É neste momento que Doutor entende, realmente, a necessidade do sujeito e como deve agir a partir da sua posição de hermeneuta e também de acolhedor de sua angústia metafísica.

A exigência de uma resposta clara proporciona ao narrador o entendimento de sua posição frente ao outro, compreendendo que não resolverá o conflito por uma postura de não comprometimento. A autodiegese da narração nos proporciona analisar a sua mudança de postura, pois vê no jagunço o seu desejo de saber e a possibilidade que a palavra poderia trazer para sua vida. Assim, não mais se coloca de maneira indiferente ao personagem e sim, como sintetiza Rohden (2009, p. 165),

como um autêntico terapeuta da linguagem, (que) salvou vidas com a sua interpretação pois soube ver o todo (que conforme Platão, é o atestado para ser filósofo), (e) acompanhou, com cuidado, a busca de sentido da vida de Damázio.

Assim, o doutor soube auscultar a busca de Damázio por um sentido de vida, compreendendo a existência do outro e atuando como um metafísico da linguagem, sabendo, primeiro, compreender e, diante do duplo significado do termo famigerado, escolher o que mais se aplicava para a ocasião (ROHDEN, 2009).

Podemos analisar que a metafísica movente, nesse conto, se constrói também de maneira conjunta, onde de um lado, Damázio buscava uma resposta para os questionamentos que nem sabia ter, requerendo a consciência existencial e o outro, Doutor, elaborando através de uma linguagem condizente com o real, uma resposta que sanasse o conflito do outro, proporcionando-lhe uma renovação na/pela linguagem.

Essa renovação na/pela linguagem vivida pelo personagem Damázio é uma representação de como se constrói o destino na literatura rosiana. Para Nunes (2013), esse tema literário-filosófico não está atrelado a qualquer determinismo, pelo contrário, é um fator produtivo; resultante das possibilidades e escolhas, dos conflitos, e das vivências percorridas pelos próprios personagens durante sua travessia. O destino, portanto, é uma somatória de fatos, é o “desenho da trajetória da vida, o diagrama do movimento da existência no tempo, cujo processo de avanço e recuo, por meio de atos e gestos, de que se originam efeitos imprevisíveis, materializa-se nos tópicos da travessia” (NUNES, 2013, p. 84).

No caso de “Famigerado”, a resposta de Doutor é o fator principal para que a estória fosse encerrada desta forma, pois caso tivesse respondido com o significado popular, isto é, com a conotação de malfeitor, mal visto, Damázio estaria de volta ao ciclo de matanças, podendo acometer, ali inclusive, a vida do médico, de suas testemunhas e do rapaz do governo. A sua leitura da cena, do personagem e seus anseios interiores, o habilitou a dar a resposta que melhor se aplicaria, garantindo a resposta existencial para o personagem, o seu conforto e a sua “renovação na e pela linguagem” (ROHDEN, 2009, p. 167), ou seja, a sua oportunidade de mudar de vida, de construir, a partir dali um novo Damázio. Esta renovação é aceita pelo personagem, pois ao final do conto temos o conhecimento de que ele liberta as demais testemunhas e garante, portanto, a sua renovação, o assumir de um novo destino e uma nova concepção frente ao seu próprio ser e estar no mundo.

A partir desta leitura do conto, aproximando os temas propriamente literários às concepções e interpretações possíveis através da Filosofia, podemos afirmar que a metafísica rosiana nos permite ver, a partir das possibilidades de interpretação para o termo famigerado, que a linguagem é multifacetada. Frente a isso, é possível afirmar que não há uma única possibilidade na literatura rosiana e sua linguagem, pelo contrário, muitas são as respostas, os meios, as leituras e as lacunas possíveis.

Damázio, da mesma forma, não é um personagem que reflete somente o sentido negativo do termo famigerado e, sim, alguém sem saber o que era, mas com sede deste conhecimento. Pudemos ver que no mesmo instante em que soube, por alguma pista, o que era ou mesmo o que deveria ser, evitou fazer o mal, dispensando testemunhas e garantindo-lhe uma nova possibilidade para sua vida diante daquele ocorrido. A linguagem, em seu não esgotamento do real, lhe proporcionou uma nova leitura, um novo caminho, uma nova viagem a ser atravessada por um novo Damázio.

Para tanto, podemos concluir que a literatura rosiana apresenta diversas temáticas passíveis de serem lidas à luz dos conceitos filosóficos. Neste conto em específico, pudemos entender que a metafísica da linguagem nos proporciona refletir sobre os mistérios e as inquietações do ser no mundo, neste caso, objetivando o entendimento do jagunço sobre uma palavra que lhe fora atribuída, a qual se tornou uma dúvida existencial sobre si mesmo e, sem dúvida, lhe proporcionou uma renovação (ROHDEN, 2009).

Além disso, sob os apontamentos de Nunes (2013), pudemos observar o quanto os personagens rosianos são frutos de suas travessias em busca de conhecimento de si, do mundo, dando ênfase aos conflitos morais de existência. Como explica o autor, o homem é ao mesmo tempo o sujeito ativo, como aquele responsável pelas escolhas e pelos seus modos de ser no mundo, e também é a viagem, como aquele ser mutável, movido pelo desejo e pelo questionamento. Seu ponto de chegada, aquilo que ele quer descobrir e lhe proporcionará a mudança, é também o que permite a ele ver o mundo sob um outro ângulo, como sintetiza Rohden (2009, p. 167):

Na linguagem, por ela, para além dela e voltando a ela, é que a metafísica movente rosiana constitui-se. É por isso que o doutor João Guimarães Rosa nos oferece a receita de sempre levarmos a sério a linguagem, o que equivale a levar ou não a sério o próprio homem. O compromisso do homem para com a língua mostra o matiz de sua metafísica [...] ao final desse famigerado conto, é o desejo humano metafísico de Damázio expresso por Riobaldo nas palavras: *gosto de ser*.

CAPÍTULO 02: “A BENFAZEJA”

Em “A benfazeja”, décimo sétimo conto de *Primeiras Estórias*, narra-se a estória de Mula-Marmela, uma sertaneja aparentemente simples, debilitada e sem sequer portar um nome próprio. Essa personagem, moradora de um pequeno vilarejo nesse extenso sertão Minas-Bahia construído por Guimarães Rosa, é criticada e marginalizada pela população local dado ao fato de ter assassinado seu marido Mumbungo e ter sido acusada de cegar e assassinar seu enteado Retrupé, dois homens cruéis, responsáveis por terríveis atrocidades.

A trajetória da personagem toma novos contornos a partir da chegada do narrador, uma pessoa vinda de fora que, através de sua narração, é capaz de rememorar criticamente os fatos e o julgamento feito pelos locais, além de ser o único capaz de enxergar a personagem por inteiro, do seu ser até as escolhas que compreendem suas necessidades existenciais.

Assim como em “Famigerado”, o conto se circunscreve no espaço do sertão, podendo ser lido como uma metáfora para o mundo, assegurando a cada personagem as possibilidades de humanidade, autenticidade, vivência e existência. No caso de “A benfazeja”, há ainda, na circunscrição do sertão, a elucidação de um mundo regido por suas próprias leis, por sua própria moral e principalmente pelo seguimento de uma lógica não determinista, isto é, não respaldada em leis escritas ou autoridades, sendo somente levada em consideração a lealdade dos habitantes para com suas palavras, ações e seus próprios meios de ser sertanejo (KUNZ, 2009).

Esse aspecto também é salientado por Kunz (2009) a partir de uma de suas breves reflexões sobre “Os irmãos Dagobé”, quinto conto de *Primeiras Estórias*. Este conto trata de três irmãos que decidem perdoar o assassinato do irmão falecido, deixando que o assassino, apresentado a eles desarmado e munido apenas de muita coragem, siga a sua vida sob os dizeres de: “Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso Irmão é que era um diabo de danado...” (ROSA, 2019, p. 35). Ao retratar a escolha dos personagens, em ponderar a somatória de atitudes por parte do falecido do assassino e escolher o que lhes parece moralmente justo, há a reiteração do sertão como o espaço regido por suas próprias leis, por sua lealdade para com a palavra e para com a moralidade sertaneja. Em outras palavras, como sintetiza o autor, o sertão é:

[...] o mundo da lealdade, da palavra empenhada, do cavalheirismo, que dispensa a autoridade e a lei escrita. Aparece, nesta estória, uma forte característica da realidade do sertão, diferente da realidade da cidade. A lei do sertão parece ser vingança, mas a sua moral é superior à da cidade, pois a resposta dos três foi não matar. A moral da cidade parece ser mais racional pois a resposta ao final é jurídica, mas ela, em muitos casos, engendra outras

barbáries. O final da estória não é esperado porque responde a lógica do sertão, que não é determinista. (KUNZ, 2009, p. 137).

Em “A benfazeja”, a discussão sobre a moralidade do sertanejo se dá a partir do narrador, posição ocupada por um personagem vindo de fora, mas conhecedor e questionador dos fatos que compõem a estória de Mula-Marmela. Assim, a centralização do campo de visão e de consciência do narrador se dão a partir de uma focalização externa e uma narração heterodiegética (REIS E LOPES, 1998), pois justamente por não fazer parte daquela comunidade, é livre de conceitos pré-concebidos e possui um olhar agudo acerca de cada acontecimento e cada fluxo de consciência. Isso o torna capaz de olhar para os personagens de maneira completa, captando todas as impressões, opiniões, intenções e principalmente, possibilitando exprimir a opinião da população e ao mesmo tempo inferir suas as suas próprias.

A gente não revê os que não valem a pena. Acham ainda que não valem a pena? Se, pois, se. No que nem pensaram; e não se indagou muita coisa; Para que? A mulher - mandraja, malacafar, suja de si, misericordiada, tão em velha e feia, feia tonta, no crime não arrependida - e guia de um cego. Vocês todos nunca suspeitaram que ela pudesse arcar-se no mais fechado extremo, nos domínios do demasiado? (ROSA, 2019, p. 115, grifos nossos).

Este trecho nos possibilita observar o quanto esses dois aspectos narrativos - a focalização e a narração - questionam a moralidade e a forma como a sociedade julga a personagem principal, cabendo ao narrador contrapor o seu discurso frente ao da comunidade e conseqüentemente, demonstrar como essa imagem negativa é, na verdade, uma artimanha da própria sociedade para enfatizar seus crimes e julgá-la como uma criminosa. Como alega Abriata (2007), o narrador começa a questionar essa verdade e esse estereótipo consensual a respeito da personagem.

Assim, surge dessa narração a dualidade da personagem benfazeja, pois pelas pessoas da cidade era tida como uma mulher malfeitora, negativa, alguém sem remorsos pelos crimes hediondos cometidos. Porém, na visão do narrador, visão de quem busca entender as suas motivações e os motivos que a levaram a tomar tais decisões, Marmela adquire novos contornos e mais positivos contornos. Como elenca Barros (1995), a concepção da personagem pelo narrador é aproximada da simplicidade, da figura feminina, envolta pelos sentimentos de carinho e de amor pelo próximo, como se pode observar pelo trecho: “[...] pobre mulher, que sentia mais do que todos, talvez, e, sem o saber, sentia por todos, pelos ameaçados e vexados, pelos que choravam entre os seus entes, que o Mumbungo, mandatário de não sei que poderes, atroz sacrificara.” (ROSA, 2019, p. 118, grifos nossos).

O crime cometido por essa personagem principal foi contra seu marido, Mumbungo, um homem cruel, perverso, “[...] homem de gostar do sabor de sangue” (ROSA, 2019, p. 116), incapaz de perdoar ou de sentir qualquer instinto de empatia. Para alguns, era até visto como louco, o próprio diabo na Terra “[...] diziam-no maltratado do miolo. Era o punir de Deus, o avultado demo - o ‘cão’.” (ROSA, 2019, p. 117), no entanto, tinha sua vulnerabilidade, sendo esta a própria Mula-Marmela e seu amor ela.

Como nos revela o narrador, ao mesmo tempo que Mumbungo amava sua esposa, a sua figura o amedrontava, pois ele pressentia “[...] que só ela seria capaz de destruí-lo, de cortar, como um ato de “não”, sua existência doidamente celerada. Talvez adivinhasse que em suas mãos, dela, estivesse já decretado e pronto seu fim. Queria-lhe, e temia-a...” (ROSA, 2019, p. 117). Da mesma forma que nos é apresentada essa consciência de Mumbungo frente a sua morte, Marmela também é consciente de que esta tarefa deveria de ser cumprida através de suas próprias mãos, em forma de um bem comum para toda a sociedade. A personagem demonstra-se consciente deste fardo, pois apesar do seu amor pelo marido, o narrador explicita que “se não se cumprisse assim - se se recusasse a satisfazer o que a todos, a sós, a todos os instantes, suplicavam enormemente - ela enlouqueceria? A cor do carvão é um mistério, a gente pensa que ele é preto, ou branco” (ROSA, 2019, p. 118).

Ainda que o amor mútuo pairasse entre o casal, Mula-Marmela matou seu marido e cumpriu com a sua tarefa para o bem de todos. Da mesma forma que em “Os Irmãos Dagobé”, tinha consciência das escolhas do marido e agiu em lealdade a seu próprio ser e à própria moralidade, de quem, por amor, buscava o bem comum. No entanto, suas atitudes não foram aceitas pela comunidade, pelo contrário, como questiona o narrador:

Vocês nunca pensaram nisso e culpavam-na. Por que não de ser tão infundados e poltrões, sem espécie de perceber e de reconhecer? Mas, quando ela matou o marido, sem que se saiba a clara e a externa razão, todos aqui respiraram, e bendisseram a Deus. Agora, a gente podia viver o sossego, o mal se vazara, tão felizmente e de repente [...] Mas não recompensaram, a ela, Mula-Marmela; ao contrário: deixaram-na no escárnio de apontada à amargura, e na muda miséria, pois que eis. Matou o marido e, depois, própria temeu (ROSA, 2019, p. 118).

O mesmo destino de Mumbungo também estava fadado ao seu filho, Retrupé, um jovem alto e forte, sempre acompanhado de seu facão, dono de uma fala alta, semelhante a “[...] uma voz de cão, superlativa” (ROSA, 2019, p.116). Assim como o pai, era um homem marcado pelo mal, pela personalidade orgulhosa, de índole violenta, comumente partilhando os mesmos traços de maldade. Mesmo tornando-se cego após a morte do pai, ato também atribuído às mãos da personagem Mula-Marmela, era um malfeitor, que através da força e de

“[...] seu prepotente esmolar, ninguém demorava para lhe dar um dinheiro, comida, o que ele quisesse, o pão por deus. - Ele é um tranca, o cínico e canalha, vilão. Mas só às vezes, alguém, depois e longe, se desafava.” (ROSA, 2019, p. 116).

Como propõe Abriata (2007), mesmo após a sua cegueira, um ato atribuído a Mula-Marmela e explicitado pelo narrador como sendo benfazejo para a comunidade, a população o temia e, em sua frente, o respeitava e fazia suas vontades, mas, de longe, o criticava de maneira negativa.

A relação entre Mula-Marmela e Retrupé é, em suma, bastante enfatizada pelo narrador, pois também é construída com base nos sentimentos de amor e de temor. Como nos mostra o narrador, mesmo ela não tendo parido, exercia para ele o papel de mãe, sendo aquela que o guiava, cuidava e fazia o bem:

“[...] ele (Retrupé) traz um chapéu chato, nem branco nem preto. Viram como esse chapéu lhe cai muitas vezes da cabeça, principalmente quando ele mais se exalta, gestilogando abarbarado e maldoso, reclamando com urgência suas esmolas do povo. Mas, notaram como é que a Mula-Marmela lhe apanha do chão o chapéu, e procura limpá-lo com seus dedos, antes de lho entregar, o chapéu que ele mesmo nunca tira, por não respeitar ninguém?” (ROSA, 2019, p. 119).

As ações da personagem principal são de uma mulher preocupada com o bem estar das outras pessoas, de alguém que praticava o bem, mesmo sem receber nada em troca. Ao final do conto, nos é exposto o momento em que o cego Retrupé tenta matá-la, sacando o facão em uma tentativa de golpeá-la. Segundo o narrador, poderia tê-la trucidado, mas não conseguiu, lhe fazendo perceber e acreditar “[...] que o facão não a encontraria nunca, (sentindo-se) desamparado demais e sozinho. Temeu, de todo em pé. O facão lhe caiu da mão. Seu medo não tinha olhos para encher. Parece que gemeu e chorou: ‘- Mãe...’ (ROSA, 2019, p. 122).

Depois desse episódio, a mulher o acolheu, chamando-o de filho e permanecendo ao seu lado durante as horas finais do jovem cego, que padecia de uma terrível dor. Sua morte, narrada como algo natural, o fim de uma agonia, foi interpretada pela cidade como mais um crime terrível pelas mãos de Mula-Marmela. Segundo o narrador, “[...] só não acusaram e prenderam, porque maior era o alívio de ver a partir [...]. Sem lhe oferecer ao menos qualquer esmola, vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode - seu expiar...” (ROSA, 2019, p. 122-123). Assim, após as consolações no cemitério, a personagem parte, levando consigo um cachorro morto, já apodrecido, como seu último ato benfazejo para a cidade, “pensem, meditem nela, no entanto” (ROSA, 2019, p. 123), encerra o narrador.

Esse conto, em toda sua estrutura narrativa e especialmente no que tange a heterodiegese do narrador, nos mostra como a leitura por inteiro da personagem só é possível

pelo fato de o narrador ser alguém vindo de fora. Por não estar inserido naquele espaço, não partilhar da mesma visão estereotipada e acrítica, era o único capaz de lê-la para além daquilo a que os outros já estavam cegos.

Seu intuito com a narrativa é, portanto, demonstrar a partir da metafísica movente rosiana a necessidade de se refletir, de se abrir para novas leituras, para possibilitar a compreensão das multiplicidades de existência e de questões existenciais determinantes para cada escolha e para cada ser. Sintetizando Silva (2009, p. 123), através dessa narrativa e deste trabalho, cabe a nós leitores, “lendo e relendo o texto da (estória), relermo-nos e nos abriremos a disposição de acolher o texto da vida de cada outro ser humano”, tarefa cumprida com maestria por Guimarães Rosa, em sua capacidade de expressar as mais diversas temáticas referentes a existência do ser, a partir de sua linguagem e sua metafísica.

Pensando nos desdobramentos da narração desta estória e os movimentos que ela proporciona ao demonstrar a complexidade existencial da personagem Mula-Marmela, suas escolhas e necessidades, a temática de verdade se impõe como um tema que aproxima diretamente Literatura e Filosofia.

Retomando as ideias de Abriata (2007), os moradores locais estabelecem um saber consensual, baseado nos estereótipos e em suas únicas interpretações acerca do existir e das motivações da personagem Mula-Marmela. Esse movimento cria para a comunidade uma verdade coletiva, não propriamente condizente com os fatos dada a falta de evidências e de chances de explicação pela própria mulher, mas uma satisfação coletiva; um conjunto de argumentos, mesmo baseados na visão de apenas um determinado número de pessoas sem chance de defesa, a que todos acreditam e passam a levar consigo como verdade.

A existência desta verdade consensual e estereotipada é uma das motivações para o narrador contrapor este saber com os fatos por si observados e com seu conhecimento dada sua focalização externa. O seu ato, assumindo a posição de hermeneuta e único capaz de desmistificar essa visão, traz o conceito de verdade à luz da Filosofia, argumentado por Nicolau Abbagnano (2007, p. 998), segundo o viés metafísico, de que a verdade “se revela em modos de conhecimento excepcionais ou privilegiados, por meio dos quais se torna evidente a essência das coisas, seu ser ou o seu princípio”.

Portanto, mesmo que a personagem não tenha espaço - ou mesmo palavras - para se defender ao longo da narrativa, ao contrapor a visão dos fatos da comunidade e apresentar seu conhecimento sobre a personagem, a minúcia, os detalhes e cada olhar “para tudo, com singela admiração” (ROSA, 2019, p. 119), o narrador evidencia a essência de seu ser benfazejo, preocupado com a comunidade local. Evidencia também seu princípio de promover

o bem através de suas ações, da sua moralidade sertaneja e, principalmente, através de seu existir. Ou seja, revela, a partir da metafísica movente, as outras facetas de Mula-Marmela ocultadas pela visão estereotipada da comunidade local.

Essa contraposição das ações da personagem também revela as dualidades entre o bem e o mal, reflexão muito abordada na literatura rosiana e, ao mesmo tempo, uma discussão pertinente à Filosofia, desde o desenvolvimento das correntes de pensamento Platônica e Neoplatonista e também do estabelecimento da doutrina do cristianismo.

Em síntese, essas correntes filosóficas e a doutrina cristã foram basilares para moldar o pensamento ocidental baseado em binarismos, uma vez que aquelas tendem a dividir os princípios da existência em dois diferentes mundos, sendo um o mundo perfeito, das ideias, originário do Princípio Primeiro ou mesmo de Deus, representante do bem, e o segundo, o mundo material, carnal, dos pecados e conseqüentemente, do mal (WILDBERG, 2019).

No entanto, em Guimarães Rosa, esses conceitos não seguem essa hierarquização, pelo contrário, como argumenta Oliveira (2014, p. 145), “o Bem e o Mal não se constituem como absolutamente distinto-antagônicos. Estão, de certo modo, contidos um no outro, dificultando a demarcação ou delimitação”, isto é, estão contidos na própria existência dual da personagem feminina.

Essa dois conceitos opostos, como discorre Barros (1995), nos ajudam entender como a coexistência da capacidade da personagem Mula-Marmela de cometer atos tão hediondos e ao mesmo tempo praticar o bem para a comunidade, sendo julgada e massacrada pelos seus atos, mas ao mesmo tempo não sendo presa ou passando por qualquer punição, pois foram atos benfazejos, de libertação para os locais.

Pode-se também pensar que essa dualidade, em certo momento do conto, torna-se uma questão para a própria protagonista, pois ela sabe a crueldade dos seus atos, sabe que mataria o homem que amava e, de fato, se sente culpada por isso, como se pode observar pelo trecho “[...] matou o marido e, depois, própria temeu, forte demais, o pavor que se lhe refluía, caída, dado ataque, quase fria de assombro de estupefazerimento, com o cachorro a uivar.” (ROSA, 2019, p. 118). Ao mesmo tempo, tinha consciência de que não seria capaz de continuar vivendo contrariamente à sua moralidade, pois conhecia a condição do homem que amava e de seu enteado, suas práticas violentas e, ainda mais por isso, precisava ser ela a responsável por livrar a comunidade do mal trazido pela existência dos dois. Dessa forma, o assassinato de seu grande amor se tornou um ato de responsabilidade para com a comunidade, necessário e da mesma forma, um ato de amor (BARROS, 1995).

Essa temática do amor, muito discutida a partir deste conto, é investigada à luz da Filosofia por Benedito Nunes. Para o filósofo, em seu capítulo “O amor na obra de Guimarães Rosa” (NUNES, 2013), a tematização deste conceito na literatura rosiana aparece em confluência com as tradições do platonismo e do misticismo, rompendo os limites entre humano e divino.

Segundo as tradições do platonismo, a existência é teorizada a partir de dois mundos, sendo o das ideias o mundo perfeito, responsável por guardar a essência primeira de todas as coisas e para o qual todas as almas retornam ao fim da existência carnal; e o mundo sensível, correspondente ao nosso mundo real, humano e concreto, sendo apenas uma cópia imperfeita do outro. Dentro desta tradição, como discorre Nunes (2013), as almas eram concebidas duplamente e, ao chegarem ao mundo sensível, se desmembravam em feminino e masculino, cabendo ao amor o encontro dessas almas opostas e, no retorno à origem, isto é, na volta dessas almas ao mundo ideal, concretizando sua junção, conseqüentemente, restabelecendo-se em sua forma original.

Essas ideias são similares nas tradições místicas, haja vista que:

[...] ela busca incessantemente restaurar a sua integridade e recuperar sua perfeição originária. Essa vontade de restituição manifesta-se no élan amoroso e na ascese mística, duas vias de retorno que se equivalem, pois o homem tenta vencer, por meio delas, a alteridade, identificando-se com outrem no amor ou com a divindade, na culminância do êxtase. (NUNES, 2013, p. 50).

Assim, esse processo místico e alquímico é similar à tradição platônica por também exprimir a recuperação da alma, isto é, reunir as partes que foram separadas em sua origem, em sua Unidade primeira. Porém, dela se diferencia à medida que desvela um sentido erótico e místico, de que as almas se restabelecem a partir de um processo de substancialização do carnal e da união entre o feminino e o masculino, como sintetiza Nunes (2013, p. 51):

[...] a liberação da alma, como volta a si mesma, não resulta jamais de um rompimento com o sensível, do desprezo voltado ao corpo e às ligações da carne, mas de um trabalho lento e progressivo de transubstanciação do material, do físico, do carnal, que vai se fazendo graças ao dinamismo de um mesmo impulso gerador, de um mesmo élan atuante no homem e na Natureza [...]. Esse impulso que se purifica se eleva à espiritualidade, mediante a combinação dos princípios contrários - o masculino e o feminino...

Pensando em “A Benfazeja”, a personagem e seu amado, Mumbungo, compõem-se de opostos, primeiro pelo gênero feminino e masculino, mas também pelas suas existências, pois ela tinha a alma benfazeja enquanto ele era dominado pela violência. Apesar de opostos, ainda assim se amavam, “[...] ela precisava dele, como os pobres precisam um dos outros” (ROSA,

2019, p. 117), da mesma forma, ele a amava, a mantinha como sua esposa mesmo temendo e consciente de que ela seria a responsável pela sua morte.

A consciência mútua de Mumbungo e sua mulher – de que ele seria morto pela mulher e ela seria a responsável por sua morte - é determinante para o estabelecimento do conceito de consciência de finitude, pontuado por Silva (2009) como a consciência da morte. A mulher, correlacionada com a figura da morte pelo poder exercido sobre o marido, e o homem, consciente desta posição ocupada pela sua esposa e de sua própria morte, vivem o amor entre os próprios opostos.

Dessa forma, apesar das diferenças entre suas existências e conscientes do papel do outro, eles continuam juntos por amor, ou seja, encontraram seus opostos e mantiveram-se juntos pela substancialização, pela restituição daquilo que inicialmente os separou. Ao fim, com a concretização das ações premeditadas, gera-se, deste amor carnal, um amor espiritual, uma “harmonia final das tensões opostas, dos contrários aparentemente inconciliáveis que se repudiam, mas gera, pela sua oposição recíproca, uma forma superior e mais completa” (NUNES, 2013, p. 43).

O amor na literatura rosiana, então, apresenta a tradição platônica à medida que entende o ser humano, mais precisamente sua alma, como “partícipe da Unidade” (NUNES, 2013, p. 71), porém carrega em si ao lado místico, pois busca o encontro dos contrários para, assim, superá-lo, culminando no divino. Neste conto, Mula-Marmela e Mumbungo representam o encontro dos opostos e à medida em que a primeira têm de matar o último em prol do bem comum e o outro têm consciência de sua finitude, eles passam por um processo de substancialização, de superação das oposições e da ambivalência de um amor que é ao mesmo tempo “a fonte do Bem e a causa do Mal” (NUNES, 2013, p. 69).

Em síntese, como expõe Pinheiro (2013, p. 31), a conceituação do amor na literatura rosiana “demonstra que o amor não é só um tema, uma tópica, mas a força de união que ordena todos os seres e as ações dos personagens e dos narradores de seus textos”. Neste caso, podemos dizer que o amor é a força pela qual Mula-Marmela cumpre seu destino mesmo amando seu companheiro e este, se torna consciente de sua finitude.

Após este percurso, chegamos ao final do conto, momento consolidado pela morte de Retrupé e pela escolha de Mula-Marmela em deixar a cidade, pois não tinha mais motivos para permanecer ali, se deslocando cidade afora, na companhia de um cachorro morto recolhido pela personagem.

As palavras do narrador, “vocês a viram partir: o que figurava a expedição do bode - seu expiar.” (ROSA, 2019, p. 123), nos proporcionam a interpretação e a leitura dessa

personagem como o bode expiatório, pois a personagem benfazeja parte levando o animal morto e a sua culpa pela morte do enteado.

Essa figuração do bode expiatório vem dos rituais sacrificiais da antiguidade, como um episódio de purificação dos pecados, realizado pelo sacrifício de dois animais, um sendo sacrificado à Deus e o outro, por um princípio de substituição, encarnaria todos os pecados e seria banido da comunidade, apaziguando este local e seus pecadores a medida em que é condenado a levar e viver sozinho com os pecados humanos.

[...] (Arão) pegará o bode para Azazel, **21** porá as mãos na cabeça do animal e confessará todas as culpas e faltas e todos os pecados israelitas. Assim, Arão passará para a cabeça do bode todos os pecados do povo e então mandará o bode para o deserto. Será escolhido um homem para levar o animal, **22** e ele o soltará no deserto. Assim, o bode irá para um lugar onde não mora ninguém, levando os pecados do corpo. (BÍBLIA, Levítico, 16, 20-22)

Em “A Benfazeja”, essa leitura é possível pois a personagem, em sua condição e sua necessidade existencial de libertar a comunidade da violência estabelecida por seus familiares Mumbungo e Retrupé, toma esses pecados para si, sacrificando um e esperando a morte do outro para, ao final, abandonar a sociedade, levando consigo todos os sinais de violência - inclusive o cachorro morto -, restaurando o bem e apaziguando a comunidade local. Como sintetiza Jungues (2009, p. 175), “ela é a vítima que se sacrifica, em substituição, para exorcizar a violência”, necessitando, assim, partir para longe.

Em nossa leitura literário-filosófica, seu ato de se afastar da comunidade após a morte dos personagens também configura a temática de viagem detalhada por Nunes (2013). Essa viagem, em contrapartida, é diferente daquela experienciada por Damázio pois este soluciona seu conflito existencial com a sua viagem, enquanto que Mula-Marmela necessita se afastar da comunidade para chegar a uma resolução. A sua viagem, portanto, é de errância, cumprindo o destino de bode expiatório a partir de um deslocamento que não prevê a chegada em um lugar fixo, isto é, como salienta Nunes (2013, p. 84), “uma peregrinação sem horizontes, (uma viagem de) antecipação da morte e voluntária provação”.

Por fim, o destino final da personagem se cumpre à medida que executa a morte de Mumbungo e cuida do cego Retrupé até o final dos seus dias, cumprindo seu propósito existencial consigo mesma, para com eles e para com a própria comunidade, consciente de que era a única capaz de contê-los e de livrar a comunidade do mal terrível cometido pelos dois personagens.

Seu destino, apesar de cumprir com os propósitos iniciais, não é determinista, por ser fruto das ações tomadas pela personagem, resultantes da interpretação da comunidade local

sobre ela. Dessa forma, Mula-Marmela poderia fazer outras escolhas, isto é, tinha a possibilidade de agir diferente, não optar pela morte, mas a opção por um agir diferente poderia enlouquecê-la, ao ver a cidade acometida pela maldade desmedida de seus familiares e apenas se sujeitando e sendo conivente a eles. A personagem também se distancia do determinismo por tomar atitudes visando o bem comum, mesmo que os beneficiados da comunidade local, mesmo que gratos, a excluam e a enxergam como sendo tão violenta e maldosa quanto os outros dois, mesmo que no íntimo agradeçam a sua coragem de cessar o mal.

Essas possibilidades de existir e de agir diante a comunidade, articuladas pela heterodiegeese de um narrador preocupado em apresentar a personagem em toda sua densidade existencial e enxergá-la para além da visão estereotipada veiculada pela comunidade local, proporciona a consolidação da metafísica rosiana na estória, de modo que a partir da linguagem e de sua narração, a estória toma novos contornos, demonstrando quem realmente era a personagem.

Em nossa leitura literário-filosófica, a personagem Mula-Marmela, assim como Damázio, mostrou ser muito mais complexa do que a forma como a cidade a via e a visão estereotipada da sociedade sobre ela. Cometeu, sim, atos hediondos e criminosos e, da mesma forma, não os cometeu feliz, sofrendo as dores de seu destino, de suas necessidades existenciais à medida que sente a perda de ambos e sente o desprezo de sua comunidade. No entanto, apesar disso, a necessidade de fazer o bem comum era a sua motivação e sua necessidade existencial, demonstradas graças à focalização externa e heterodiegética de um narrador vindo de fora.

Semelhantemente à “Famigerado”, em “A benfazeja”, a leitura precisa do narrador evidencia a busca, com sua narração, de dar o reconhecimento necessário ao outro, lendo-o sob outras perspectivas. Esse movimento, enfatizado pelo olhar demiúrgico e do conhecimento total sobre a história à luz da heterodiegeese (REIS E LOPES, 1998), permite a travessia dos personagens demonstrando seu lado humano, suas dicotomias, seus anseios e suas densidades existenciais.

Dessa forma, Mula-Marmela é o sujeito ativo da narração por deter o poder das ações sobre o destino, sendo ela a responsável pelas escolhas que resultarão nos produtos finais. É ela, em sua correlação com a figura da morte, a detentora da consciência da finitude que acomete aos outros personagens. Além disso, também representa a viagem, à medida que se movimenta e age pelo desejo de fazer o bem, e o ponto de chegada, à medida que concretiza

seus atos, partindo como um bode expiatório para o encerramento de sua travessia. Como sintetiza Nunes (2009, p. 81):

[...] é no ciclo da viagem que o destino se modifica [...] à custa de inúmeras circunstâncias, as causas tecem e retecem seus efeitos, agindo sempre através do movimento de ida e volta. São encontros e desencontros, são equívocos aparentes, que um recuo no espaço e no tempo transforma em certeza, ou em certezas que a distância neutraliza”

Assim, esse conto também reitera os apontamentos de Nunes (2009) sobre a literatura rosiana ser movida pela viagem e seus personagens, frutos dessas travessias, estarem em constante busca de reconhecimento ou, neste caso, de serem reconhecidos. Essas multiplicidades responsáveis pela constituição da metafísica movente rosiana, trazem à tona reflexão sobre as inquietações do ser no mundo, seus mistérios, seus existencialismos, sua colocação sobre o mundo real e suas distintas realidades. Por fim, são essas colocações que tornam a literatura rosiana capaz de proporcionar, a partir de suas temáticas e reflexões literárias, a aproximação destas com a interpretação filosófica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorado nos estudos interseccionais entre Literatura e Filosofia, nosso trabalho objetivou investigar as relações existentes entre essas duas áreas do saber, tendo “Famigerado” e “A Benfazeja” como objeto de estudo, sendo estes dois contos pertencentes à obra *Primeiras Estórias*, escritos pelo renomado autor brasileiro João Guimarães Rosa.

Em primeiro lugar, buscamos entender de que maneira era possível aproximar estas duas áreas do conhecimento, chegando a conclusão, com as discussões apresentadas por Paviani (2009), de que há entre Literatura e Filosofia uma similitude entre os temas tratados por elas e que estes se diferenciam nas particularidades de cada área em interpretar e sistematizá-los.

Diante desse esclarecimento, nos dedicamos aos estudos da fortuna crítica do autor mineiro, partindo do viés literário para o viés filosófico, a fim de entender sua composição literária, suas temáticas e quais delas poderíamos utilizar para a nossa leitura literário-filosófica.

Com esse movimento, concluímos que sua literatura pode estabelecer um diálogo com a Filosofia por abordar questões diretamente ligadas ao sujeito, suas relações, sua linguagem e suas dúvidas metafísicas, questões pertinentes e sistematizadas também pela Filosofia, nos possibilitando ler e interpretá-las segundo as especificidades desta área do conhecimento.

Além disso, foi possível identificar que há na literatura rosiana a concepção de uma metafísica movente, determinada pelo próprio Guimarães Rosa como um interesse em investigar como se dá a participação do sujeito no mundo real e as multiplicidades diante de seus modos de existir e de se relacionar com a linguagem. Esse conceito, diretamente relacionado à Filosofia, é uma das formas encontradas pelo autor para expor as questões morais e universais atravessadas pelos sujeitos em suas existências e correlacionar, ao mesmo tempo, as reflexões sobre os mistérios envolvendo a própria vida humana e o mundo real, reflexões estas que também são objetos de análises filosóficas (PINHEIRO, 2013).

Elucidadas as aproximações possíveis entre as áreas do conhecimento e a literatura rosiana, buscamos identificar quais e como essas temáticas se apresentam nos dois contos e lê-las à luz da filosofia, tendo as obras de Pinheiro (2013), composta dos ensaios de Benedito Nunes, e do livro de Rohden e Pires (2009) como principais fontes teóricas. Desse movimento, visamos demonstrar como essa perspectiva interdisciplinar pode dialogar com a literatura rosiana e contribuir para a fortuna crítica do autor a partir do cotejo de diferentes leituras e interpretações destes objetos literários de estudo.

Em “Famigerado”, portanto, a estória de Damázio é movida pela dúvida e pela desconfiança do termo que lhe fora atribuído, instigando o personagem ao ponto de levá-lo a uma viagem existencial em busca de respostas para seus conflitos, correspondentes a uma dúvida metafísica e correlacionando-se diretamente com a Filosofia.

Vimos, então, que esse desconforto marcado pela ausência de resposta gera o sentimento do medo, pois reflete múltiplas possibilidades que o personagem poderia não estar em condições de descobrir. Apesar disso, ele segue sua viagem ao encontro do doutor, personagem responsável pela narração autodiegética do conto, pelo conhecimento formal e por deter em suas mãos o poder de resolução, ou não, do conflito existencial do personagem.

Diante da cena e sobretudo do afastamento do medo, advindo da má fama e poder de violência do outro personagem, o doutor assume a sua responsabilidade como detentor de conhecimento e se dedica, com um bom hermeneuta, a auscultar os sinais e as necessidades existenciais levantadas pelo outro através de seus questionamentos (ROHDEN, 2009).

Ao ser lida desta forma, como uma dúvida metafísica e não apenas uma simples pergunta corriqueira, o personagem doutor é capaz de escolher entre o duplo significado do termo famigerado aquele que mais se aplicava para a vida de Damázio. A resposta deste narrador é capaz de oferecer uma oportunidade de mudança para um homem cansado e indeciso de si, sendo esta uma renovação a partir da linguagem, o poder de se encaminhar para um novo destino e, principalmente, uma nova forma de ser e de se estar no mundo.

Em “A Benfazeja”, em contrapartida, a viagem da personagem é necessária para a solução de seus conflitos existenciais e morais para com a comunidade incapacitada de enxergar o lado benfazejo de seus atos, sendo estes só vistos e compreendidos dessa forma pelo narrador, uma pessoa vinda de fora e, portanto, capaz de ponderar criticamente os fatos ocorridos.

Assim, a partir de uma narração heterodiegética e uma focalização externa capazes de oferecer ao narrador todo o conhecimento e um olhar livre de conceitos pré concebidos, a estória da personagem Mula-Marmela é contada a partir dos contrapontos entre a visão da comunidade e a do narrador, em um movimento revelador de suas dicotomias, de seu lado humano e existencial, diretamente relacionados com a metafísica movente e a Filosofia.

Dessa forma, a estória da personagem Mula-Marmela, responsável pela morte do marido e acusada de cegar e assassinar seu enteado - morto, segundo narrador, de causas naturais -, é contada como uma forma de destituir as falsas verdades incorporadas ao discurso do vilarejo e restituir, a partir do olhar privilegiado e crítico do narrador, a sua verdade, a sua essência e seu ser (ABRIATA, 2007).

O fato da personagem se constituir de dicotomias, marcadas pela sua capacidade de praticar o mal com o assassinato de seu marido e, ao mesmo tempo, uma atitude que sobrepuja seu amor por ele em prol do bem comum da comunidade, evidenciam um dos dualismos muito pertinentes e discutidos na Filosofia: a oposição entre bem e mal. Em Guimarães Rosa, porém, esses opostos não se demonstram antagônicos e, sim, como dois constituintes de um, ou seja, dois sentimentos que coexistem na existência e na essência de seus personagens (OLIVEIRA, 2014). Essa coexistência também se revela em Damázio, um homem que apesar de seu extenso histórico de vítimas e violências, quando passa pelo processo de renovação pela linguagem se abre a novas possibilidades e leituras, provando, assim como Mula-Marmela, não ser somente aquilo que o significado pejorativo de famigerado determinava; pelo contrário, eram muito mais do que suas aparências e suas ações.

A partir de “A Benfazeja” e das discussões propostas por Benedito Nunes (2013), foi possível compreender como certas temáticas são capazes de ser lidas através das tradições filosóficas e místicas pelas reflexões propostas por Guimarães Rosa em seus contos. Com a tematização do amor, vimos a superação das oposições entre as personagens Mula-Marmela e seu marido Mumbungo, marcada pela aceitação e pela continuidade do relacionamento mesmo conscientes da finitude - isto é, consciência da morte - de seu relacionamento. À medida que aceitam o destino de que Mumbungo seria morto por sua esposa e ela, a responsável pela morte de seu marido, avançam pelo processo de substancialização, conceito estabelecido pela tradição mística como a superação dos contrários, resultando, ao final, em um amor que ultrapassa os limites do carnal, tornando-se divino.

Além destas reflexões, foi possível constatar que a metafísica movente se dá, em ambos os contos, a partir da leitura e interpretação dos personagens a partir do narrador. No caso de “Famigerado”, a partir da focalização interna e de um narrador personagem, é capaz de ler atentamente o desdobramento da cena e das necessidades do outro, entendendo as dicotomias do humano, oferecendo-lhe acolhimento e uma resposta capaz de suprir suas dúvidas existenciais (ROHDEN, 2009). De outro lado, em “A Benfazeja”, a focalização externa do narrador vindo de fora é a única forma de ler e entender a personagem Mula-Marmela para além daquilo que a comunidade era capaz, sendo o narrador, portanto, o responsável pela constituição de uma narratividade livre da visão estereotipada da comunidade. Essa característica privilegia o entendimento do narrador em relação a personagem feminina, explorando e trazendo à luz seus contornos, suas motivações, seus pensamentos e dicotomias, oferecendo, na posição de hermeneuta, novas possibilidades de interpretação à personagem Mula-Marmela (NUNES, 2013).

Em ambos os contos, o destino representa o resultado de suas ações, delineado a cada conflito, a cada escolha e a cada movimento feito pela personagem, se constituindo de maneira não determinista e, sim, moldada a partir das possibilidades de cada um. Em “Famigerado”, a sua viagem em busca de solucionar seu conflito interior e a concretização de sua motivação, lhe proporcionam uma renovação, o assumir de um novo destino. Em contrapartida, em “A Benfazeja”, a viagem da personagem, isto é, sua partida para longe do vilarejo que morava, é a solução dos seus conflitos para com a comunidade, destino concretizado após o assassinato de Mumbungo e, posteriormente, a morte de Retrupé.

A partir dessas análises, podemos concluir que a Filosofia, objetivada em “construir um corpus de conceitos lógicos e estáveis sobre o tempo, a linguagem e a morte como determinações da ação” (PINHEIRO, 2013, p. 24), se difere da Literatura à medida que esta está interessada em representar esses conceitos, de maneira não conceitual e sim prática, trazendo-os para a sua narração como uma forma de reflexão sobre o ser e seu mundo.

Com essa leitura literário-filosófica, pudemos constatar que a literatura rosiana, em seu trabalho com as inquietações do ser no mundo e das travessias que moldam o destino e as ações de seus personagens, desenvolvem, de maneira prática, imaginativa e propriamente literária, conceitos pertinentes à Filosofia. Pudemos, então, identificar e ler as temáticas rosianas, tais como a linguagem, a metafísica, a verdade, viagem, morte e o destino, relacionando-as à Filosofia.

A realização desta leitura temática proporcionou o cotejo das análises interseccionais entre Literatura e Filosofia, cumprindo com o nosso objetivo central e, também, proporcionou a sistematização de uma linha de pesquisa e uma leitura para os contos “Famigerado” e “A Benfazeja”, ainda pouco explorada por sua fortuna crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014 p.
- ABRIATA, V. L. R.. O contrato enunciativo em "A Benfazeja". **Coleção Mestrado em Linguística**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 251-276, jan. 2007. Disponível em: http://gruporedimunho.com.br/downloads/Rosa_ContratoEnunciativo.pdf . Acesso em: 20 fev. 2022.
- ALMEIDA, S. L.; ANDRADE, B. C. Literatura, sertão e linguagem: O famigerado estilo experimental de Guimarães Rosa em Primeiras Estórias. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de estudos literários**, Londrina, v. 1, n. 115, p. 09-18, jun. 2020. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/39263> - Pesquisa Google. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BARROS, M. C. "A benfazeja": o homem em busca de si. **Magma**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 66-73, jan. 1995. Disponível em: <https://app.box.com/s/o47vha1p5qy9ir6fde3p> . Acesso em: 20 fev. 2022.
- BÍBLIA, A T. Levítico. In: Bíblia. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 120.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.
- CANDIDO, A. Literatura e Subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. cap. 9, p. 140-162. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf> . Acesso em: 28 dez. 2021.
- FALCÃO, F. S. Leitura do/no "Famigerado" roseano. **Mafuá**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 4, 2005. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2005/leitura-do-no-famigerado-roseano/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1998. Disponível em: www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Teoria-do-Conto_Nádia-Gotlib-1.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.
- GUEDES, W. Filosofia e Literatura: Estética e subjetividade em "Famigerado" de Guimarães Rosa. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 81, p. 133-144, jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15576/11613> . Acesso em: 05 jan. 2022.
- HANSEN, J. A. Benedito Nunes, leitor de Guimarães Rosa. In: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: leitura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 23-34.
- JUNGES, J. R. "A expedição do bode, seu expiar": Meditações sobre a violência a partir de 'A Benfazeja', de Guimarães Rosa. In: ROHDEN, L.; PIRES, C. (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009. p. 171-180.
- KUNZ, J. R. A renovação do homem e seu mundo na e pela linguagem em 'Primeiras Estórias', de Guimarães Rosa. In: ROHDEN, L.; PIRES, C. (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009. p. 133-150.

MAIA, J. R. Sobre a crítica de Guimarães Rosa. **Espéculo**: Revista de Estudios Literarios. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, v. [S.I], n.37. nov. 2007. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero37/guimaro.html> . Acesso em: 10 jan. 2022.

NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 37-77.

_____. A viagem. In: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 78-86.

_____. A Rosa o que é de Rosa. IN: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 129-139.

_____. Literatura e Filosofia (Grande sertão: veredas). IN: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 140-159.

OLIVEIRA, E. D. Deus e o Diabo no Grande Sertão: Veredas: Uma Leitura Antimaniqueísta. **Millenium**. Número Especial temático sobre Literatura. Viseu, v. 46-A, p. 138-152, nov. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2700/1/9.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PAVIANI, J. Traços filosóficos e literários nos textos. In: ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecília (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009. p. 61-76.

PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: Literatura e filosofia em Guimarães Rosa. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

_____. Benedito Nunes e Guimarães Rosa: um encontro poético. In: PINHEIRO, V. S. (org.). **A Rosa o que é de Rosa**: leitura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013. p. 07-22.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

ROHDEN, L.; PIRES, C. (org.). **Literatura e Filosofia**: Uma relação transacional. 1. ed. Ijuí: Unjuí, 2009.

_____. A linguagem da metafísica no “Famigerado”, de Guimarães Rosa. In: ROHDEN, L.; PIRES, C. (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009. p. 151-170.

ROSA, J. G. **Tutameia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **Primeiras Estórias**. São Paulo: Global, 2019.

SANTOS, R. C. A Linguagem e a experiência rosianas. **Revista Garrafa**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 30 (antigo 27). 8 ago. 2012. In: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/9528/7448> . Acesso em: 10 fev. 2022.

SILVA, R. M. Vozes Sertanejas (ou: da Arte de Bem Explodir Ideias). In: ROHDEN, L.; PIRES, C. (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009. p. 117-132.

WILDBERG, C. Neoplatonism. *In*: ZALTA, E. N. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: University of Stanford. v. sum 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2019/entries/neoplatonism/>. Acesso em: 15 fev. 2022.